

740908

The Discourse of Samora Machel

O Presidente da FRELIMO Samora Machel proferiu após a assinatura do Acordo de Lusaca o seguinte discurso

Tempo [Maputo], no.208, 22 de Setembro de 1974, p.14-16. [veja Amélia Souto and António Sopa, *Samora Machel: bibliografia, 1970-1986* (Maputo: Centro de Estudos Africanos, 1996), item no.203, p.56]

This speech was made the day after the signing of the Lusaka Accord agreeing that Portugal would hand over power to FRELIMO as the only representative of the Mozambican people. Also published elsewhere and anthologised.

Dr. Colin Darch
72 Milner Road
Rondebosch 7700
Tel.686-3691



O PRESIDENTE DA FRELIMO SAMORA MACHEL PROFERIU APÓS A ASSINATURA DO ACORDO DE LUSACA O SEGUINTE DISCURSO

Após o fim de 500 anos de opressão colonial, ao fim de 10 anos de luta armada dirigida pela Frelimo, o Povo Moçambicano conseguiu impor os seus direitos.

Assim, Portugal reconheceu o nosso direito à independência, reconheceu o princípio da transferência dos poderes à FRELIMO representante do Povo moçambicano, e em consequência, connosco assinou o acordo que efectiva estes princípios.

As zero horas do dia 8 de Setembro de 1974 — hora de Moçambique — termina com a vitória do povo, a guerra criminosa desencadeada pelo de-

postado regime colonial-fascista português.

Esta é a vitória da coragem histórica do Povo moçambicano, da sua determinação inabalável que resistiu e venceu os rigores da repressão colonial-fascista no duro combate clandestino, que superou as dificuldades da guerra.

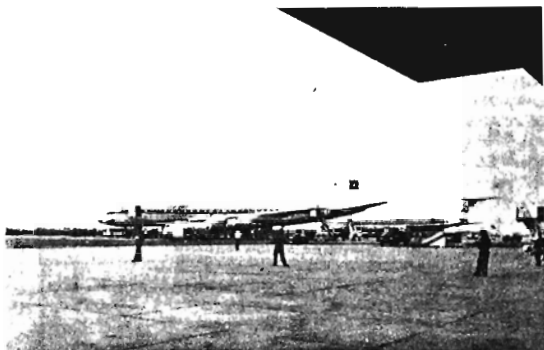
Esta é a vitória dos Povos Irmãos de Angola e da Guiné-Bissau e Cabo Verde, de São Tomé e Príncipe, que ao nosso lado, de armas na mão e no combate político destruíram o colonialismo. Esta é a vitória dos Movimentos de Libertação da África.

Esta é a vitória do Povo

Português, nosso aliado de sempre, das suas forças democráticas, nossos companheiros de armas que connosco sofreram e lutaram contra o regime colonial fascista, vitória também dos jovens oficiais do Movimento das Forças Armadas que na guerra colonial compreenderam a injustiça em que se encontravam engajados e por isso depuseram o regime criminoso que imperava pelo terror.

Esta é a vitória dos nossos camaradas da UNIP e da TANU, da Zâmbia e Tanzânia, do Zaire, do Congo, da Guiné e do Senegal que assumiram a tarefa histórica de recta-

TEMPO
(2086)
22/9/74



guarda estratégica do nosso combate. Vitória da África Unida, pela sua liberdade.

Esta é finalmente a vitória das forças democráticas do mundo e especialmente dos países que exemplarmente cumpriram o seu dever internacionalista de solidariedade.

Mas a vitória que celebramos, fruto do combate, ergueu-se, por cima dos sacrifícios e do sangue do nosso Povo. Como a manguerra se enraíza à terra e dela extrai a seiva, assim a vitória se alimentou do sangue generoso e heróico. Sangue dos combatentes na luta armada, sangue de resistência nas prisões

coloniais fascistas, sangue do Povo massacrado.

Hoje não estão connosco os que gloriosamente tombaram na marcha, aqueles que, como Eduardo Mondlane, herói do Povo Moçambicano, fizeram de nós o que somos, tornaram passível o nascimento da nova Nação.

Não nos deixamos dominar pelas lágrimas, embora cerramos os dentes na mágoa que a sua partida nos deixou. Deles aprendemos a coragem e o exemplo de afrontarmos e superarmos as dificuldades, exemplo que nos guia ainda na edificação da Pátria.

Pensaremos neles, em todos os que ofereceram a sua própria vida pela liberdade, e reafirmaremos que continuaremos a viver o seu exemplo.

Queremos homenagear todos aqueles que em Moçambique, Angola, Guiné e Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, em toda a África e especialmente na Zâmbia e Tanzânia, generosa e heroicamente ofereceram as suas vidas pela destruição do colonialismo português. Associamos também nesta homenagem os combatentes anti-fascistas e anti-colonialistas portugueses que com o sacrifício da sua vida contribuíram para ci-

mentar a amizade entre os nossos povos.

Por todos eles pedimos que observem connosco um minuto de silêncio.

A proclamação solene da nossa independência total e completa terá lugar no dia 23 de Junho de 1975, aniversário da criação da Frelimo.

Sob a direcção do camarada Eduardo Mondlane, em 25 de Junho de 1962 criou-se a Frelimo, o instrumento que, materializando a unidade do nosso povo do Rovuma ao Maputo, tornou possível o nosso combate vitorioso.

A guerra popular de libertação que tornou operativa a

nossa unidade, produziu profundas transformações na nossa Pátria e conduziu-nos a edificar um Novo Moçambique.

Através das dificuldades do combate o Povo tornou-se consciente dos seus interesses reais e das forças que se opunham a ele. No combate pelo triunfo da vontade popular temperou-se a nossa consciência e forjou-se a nossa linha política.

Porque o nosso combate foi popular conseguimos criar um povo unido, consciente, organizado, mobilizado, estruturado.

Foi a unidade a arma principal da nossa vitória.

Nestes anos de combate, porque guiados pelo interesse das massas, porque as massas engajadas fizeram da Frelimo o Povo em armas, foi possível liquidarmos o que nós dividia.

Velhos e jovens, homens e mulheres, camponeses, operários, trabalhadores, empregados, funcionários, estudantes, do Rovuma ao Maputo, afirmaram a sua personalidade de moçambicanos e a sua natureza de trabalhadores lutando pela liberdade da Pátria pela edificação do seu poder.

É este vento ciclónico dissipou as falsas contradições que o colonialismo havia atizado: deixámos de ser do campo e da cidade, analfabetos e instruídos, para nos descobrirmos acima de tudo como dominados e explorados. Compreendemos que para além da diversidade das línguas, dos usos e costumes e da própria cor da pele, do Rovuma ao Maputo, éramos todos colonizados, éramos sobretudo todos moçambicanos.

O colonialismo trouxe-nos em cinco séculos o racismo e o ódio entre as raças.

Em 10 anos de combate o nosso Povo redescobriu o princípio universal que o colonialismo não tem cor e não tem raça, a exploração e o imperialismo não têm Pátria: assim soubemos transformar o ódio e vontade de destruir.

Começámos esta construção nas zonas libertadas, edificando o poder popular Democrático.

O Governo de Transição que sob a Direcção da Frelimo será constituído durante a próxima semana, com a transferência dos poderes, assegurará, criará as condições

para a extensão do processo em todo o país.

Os milhões de moçambicanos e moçambicanas, de todas as etnias, raças e crenças religiosas, que neste momento exprimem em magníficas e impressionantes manifestações o seu desejo de independência sob a Direcção da Frelimo, os combatentes e populações libertadas, com alegria, vêem o término duma dura fase da nossa luta, com determinação iniciam o novo combate.

Neste momento em que se inicia uma nova fase do nosso país, queremos reafirmar que a Pátria moçambicana, a Nação Moçambicana não se edificam na base da cor. De novo repetimos: Moçambique é a Pátria de todos os que vivem do seu trabalho honesto e se identificam com as aspirações do Povo Moçambicano. Moçambique precisa de contribuição de todos nós.

Um acordo que dizemos ser essencialmente o ponto de partida para uma relação exemplar de amizade e cooperação e agora assinado entre a FRELIMO e o Estado Português.

Sabemos, estamos seguros que o acordo será integralmente cumprido, abrindo uma nova página na História dos Nossos Povos.

É assim, porque em Moçambique e em Portugal se encontram no poder forças democráticas, forças temperadas no combate pela liberdade.

Esta é a melhor garantia do nosso acordo, a verdadeira condição para que o Acordo viva e não seja apenas folhas de papel.

O início duma nova era de relação entre Moçambique e Portugal tem lugar em Lusaca, terra africana, terra de humanismo.

Os Acordos de Lusaca foram possíveis também pela acção constante e paciente dos nossos camaradas irmãos e amigos Keneth Kaunda e Julius Nyerere, grandes figuras de africanos, e amigos verdadeiros do nosso Povo.

A eles, a UNIP e a TANU, aos Governos e Povos da Zâmbia e Tanzânia, nossos companheiros de horas difíceis, dizemos que agora em Lusaca, como resultado da nossa luta comum, se inicia uma nova era de cooperação entre as nossas Nações irmãs.